

**ZONA FRONTEIRIÇA NA ESCOLARIZAÇÃO DO CORPO: O
JORNAL *O DIA* E O GINÁSIO SANTA CATARINA NA
MODERNIZAÇÃO DE FLORIANÓPOLIS (1906 – 1918)**

Thiago Perez Jorge

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).
E-mail: thipjorge@yahoo.com.br

Norberto Dallabrida

Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina (PPGE/UDESC).

Alexandre Fernandez Vaz

Professor dos Programas de Pós-Graduação em Educação e Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGE/UFSC e PPGICH/UFSC).

Resumo: Este trabalho apresenta um olhar sobre o processo de modernização na capital do estado de Santa Catarina. Trata-se da relação entre equipes dirigente do partido republicano catarinense e dos padres jesuítas do Ginásio Santa Catarina no período entre 1906 a 1918. Para tal utiliza fontes como diários e relatórios do Ginásio Santa Catarina e de jornais da época. Os aportes teóricos se orientam nas discussões biopolíticas de Michel Foucault e do processo civilizador em Norbert Elias. Os resultados apontam um tipo de configuração entre estas elites dirigentes através dos discursos e das práticas da cidade veiculadas pelo jornal *O Dia* de modo a contribuir com processos de escolarização do corpo no momento inicial da república na Ilha de Santa Catarina.

Palavras-chave: Escolarização do corpo, jornal *O Dia*, Ginásio Santa Catarina, Florianópolis.

Abstract: This paper presents a glimpse into the process of modernization in the state capital of Santa Catarina. It is the relationship between elites ruling Republican Party of Santa Catarina and the Jesuits Secondary School Santa Catarina between 1906 to 1918. To use such sources as diaries and reports from Santa Catarina Gym and newspapers. The theoretical contributions are oriented in discussions of biopolitics Michel Foucault and Norbert Elias on the civilizing process. The results indicate a type of configuration among these elites through the discourses and practices by city propagated by the newspaper *O Dia* in order to contribute to schooling processes of the body at the initial moment of the republic on the island of Santa Catarina.

Keywords: schooling of the body, the newspaper *O Dia*, Secondary School Santa Catarina, Florianópolis.

Apresentação do objeto da pesquisa

O objetivo deste texto é apresentar resultados parciais¹ de uma pesquisa sobre processos de escolarização do corpo na Primeira República, em especial no Ginásio Santa Catarina, em Florianópolis. Tratamos aqui de uma configuração entre duas instituições, o jornal *O Dia* e o *Ginásio Santa Catarina*, importantes na modernização da capital do estado de Santa Catarina. Inscrita na Nova História Cultural (HUNT, 2001; BURKE, 2008), a pesquisa vem mobilizando uma série de artefatos e documentos, como fotografias, relatórios do colégio, diário dos padres prefeitos e jornais da época, cuja descrição e análise podem contribuir para a compreensão do início da república no estado catarinense. A questão que percorre este texto se refere ao tipo de configuração que atua pedagogicamente na escolarização do corpo no início do movimento republicano em Florianópolis.

Em diversas edições o jornal *O Dia* apresenta notícias e crônicas das mais diversas sobre o colégio de ensino secundário *Ginásio Santa Catarina*. Anúncio das festas escolares e sua respectiva crônica sobre a realização do evento; anúncio dos exames mensais e finais a respectiva publicação destas notas nomeando alunos por séries de ensino; anúncio e crônica dos jogos de foot-ball, marchas militares. Enfim, uma série de acontecimentos em circularidade desde os tenros anos do ginásio pela cidade. Para este trabalho selecionamos alguns destes exemplos. Pretendemos com isso ao cruzar as fontes evidenciar tipo de “configuração” no sentido que nos apresenta o sociólogo Norbert Elias (2008, p.140-145). Este autor ao desenvolver suas ideias sobre o processo civilizatório² utiliza um aparato conceitual com vistas a superar dicotomias entre sociedade e indivíduo. Nesse sentido a noção de “configuração” para além das análises circunscritas às volições do plano individual permite alargar relações de poder, ou “equilíbrio de poder” numa sociedade (ELIAS, 2008, p.184).

Nessa perspectiva intenta-se compreender como o modelo escolar jesuítico compõe-se junto a uma mentalidade de governar do Partido Republicano Catarinense a partir dos ditos em destaque no jornal *O Dia* de modo a formar entre estas equipes dirigentes (políticos do governo e padres do educandário), como num jogo entre as

¹ Estes resultados são parciais visto que as investigações ainda prosseguem junto ao Programa de Pós-Graduação da Universidade do Estado de Santa Catarina (PPGE/UDESC). Novas fontes podem alargar ou mesmo recolocar questões.

² Elias desenvolve o processo civilizador a partir de seus estudos sobre mudanças de hábitos, costumes, padrões na Alemanha, Inglaterra e França. No Brasil estes estudos e suas análises estão publicados em dois volumes (ELIAS, 1994; 1994b).

partes, a configuração com “enraçado flexível de tensões”, com necessária e prévia “interdependência dos jogadores” (ELIAS, 2008, p.142). Ao colocar em diálogo Elias e Foucault percebemos uma noção sobre processos de institucionalização a partir da associação entre o conjunto de jogadores que formam uma configuração.

Nesse sentido jornal e colégio podem ser lidos no sentido que Foucault (1986, p.247) atribui a “instituições”, o qual se refere a “todo comportamento mais ou menos coercitivo, aprendido”, que sem enunciado “funciona como sistema de coerção”, logo, “todo o social não discursivo é a instituição”. Não entendemos “instituições” como algum ente acabado, necessariamente passa por investimentos, nascimento e desenvolvimento. O que nos interessaria enquanto desdobramento do problema da escolarização do corpo é levantar discursos e práticas enquanto “dispositivo de poder” que concorrem a um processo que ao selecionar tipo de estabelecimento de imprensa e de educação promovem suas institucionalizações (FOUCAULT, 1986, p.244). Nesta perspectiva foucaultiana, significa, portanto, compreender a produção e desenvolvimento de uma elite³ através da configuração entre *O Dia* e *Ginásio Santa Catarina* num conjunto de discursos, enunciados científicos, filosóficos, morais, filantrópicos que ao se institucionalizarem atuam numa razão mais ou menos coercitiva de governar corpos.

Essa razão que atua sobre indivíduos e população será discutida a partir do levantamento empírico em discussão com a noção de biopolítica (ou biopoder)⁴ de Foucault (1999; 1999b; 2008). Biopoder como o poder sobre a vida por meio de novas mentalidades que dirigem uma população, de modo que há investimento sobre o corpo vivo através de questões sobre nascimento, mortalidade, duração e qualidade de vida, tratam-se enfim, de técnicas de poder que gerem a vida. Nesse sentido um dispositivo de poder que atua na sociedade, dentre suas múltiplas estratégias, circularia em enunciados de saber como periódicos da imprensa. No jornal *O Comércio de Laguna*, cidade litorânea situada ao sul de Santa Catarina, em 18 de outubro de 1903 há uma parte em especial que exemplifica tal dispositivo. Trata-se da “Seção Conselhos

³ Com a noção de elite não pretendemos um estudo sobre teoria das elites. Apenas circunscrevemos o termo “elite” a partir de sua etimologia do grego clássico, “*eliger*”, o qual denota “escolha, seleção de fora”. Nesse sentido interessa aos objetivos deste trabalho assumir a produção das elites enquanto jogo configuracional numa razão governamental no início republicano em Florianópolis.

⁴ Não pretendemos levantar a complexa discussão entre as noções de “biopoder” e “biopolítica” a partir dos livros, ditos e aulas de Foucault e de seus comentadores. Neste texto assumimos ambos os termos como associados a uma política inserida nas questões de “fazer viver” uma população. Para o problema destes termos ver FARHI NETO (2007) e VEIGA-NETO e RAGO (2006).

Médicos”: “A vida – a grande maravilha do universo – para não se extinguir no mundo reclama dois tipos primordiais: a conservação do indivíduo e da espécie.” (O Comércio de Laguna, 18 de outubro de 1903). Algo que Foucault (1999; 1999b) já comentava sobre tipo de poder que age através do desenvolvimento dos saberes médico ocidentais tanto em corpos individuais quanto na massa da população. Continua o referido jornal: “Toda a ciência médica consiste no conhecimento das leis e princípios que presidem a essas ações e reações recíprocas nos elementos constitutivos da economia animal” (O Comércio de Laguna, 18 de outubro de 1903).

Nesse sentido, as relações no poder fundam-se dos conhecimentos da biologia e da fisiologia ocidental para gerir a produção da vida, produzem discursos e práticas que atravessam locais. Tornam-se elites no decorrer da visibilidade de suas práticas que se institucionalizam na sociedade. Apresentar mesmo que sumariamente uma rede de discursos entre locais e sua relação de poder nos faz inferir sobre a emergência do cidadão republicano localizado na Ilha de Santa Catarina. Zona fronteira que incide uma pedagogia dos corpos, tal qual nos apresenta Carmen Soares (2006, p.75-85), um mosaico entre higiene, disciplina e esporte de uma população que concorrem a processos civilizatórios. As partes deste texto pretendem apresentar tipo de configuração entre os estabelecimentos supracitados em torno de suas estratégias de escolarização dos corpos. Iniciam-se por uma espécie de zona de contato entre estes locais de saber-poder atravessados pelos ditos que corroboram sua institucionalização enquanto locais de elite para governar população. A seção final deste texto, no bojo do desenvolvimento civilizatório, apresenta tipo de institucionalização do corpo na emergência republicana. Trata-se do desenvolvimento do jogo de *foot-ball* na cidade de Florianópolis. Espera-se, enfim, que este trabalho contribua com a compreensão de uma pedagogização dos corpos.

1. Zona de Contato na *Belle Époque* Entre-Instituições

Era “mais ou menos em meados de janeiro de 1906”, quando dois padres receberam por telegrama o chamado para “partir de lá, realmente no meio da noite cheia de neblina, da chácara de São Leopoldo” (DIÁRIO, 1906). Os termos em destaque constam nas primeiras linhas do Diário do Padre Prefeito, escrito a 13 de março de 1906. Início de uma história do momento republicano catarinense. No mesmo ano, a 15

de março, as portas do *Ginásio Santa Catarina*, educandário jesuítico de formação secundária, são abertas (GINÁSIO..., 1906, p. 3). Este educandário de ensino secundário dirigido por padres jesuítas alemães, no decorrer de mais de um século de existência, passou por algumas mudanças de nomes. Da fundação até 1917, *Ginásio Santa Catarina*, de 1918 até 1942, *Ginásio Catarinense*, dessa data até os dias de hoje acompanha o seu nome atual, *Colégio Catarinense*⁵.

Segundo Dallabrida (2001, p.29) o colégio estava inserido na “conjunção republicana pós-Revolução Federalista em Florianópolis e em Santa Catarina”. Tal conjunção poderia ser refinada nos termos de uma *configuração biopolítica* onde grupos de pessoas com interesses comuns no *equilíbrio de poder* utilizam-se de questões sobre *fazer viver* de uma população? Trataremos dos antecedentes na interdependência das equipes política e jesuíta. Entre outubro de 1893 e abril de 1894 ocorre a Revolta da Armada Brasileira e Revolução Federalista. Exílios, prisões, degolas e fuzilamentos. O que se segue é que os republicanos retomam o comando da dirigência política no estado que esteve nos primeiros dois anos (1889-1890) nas mãos dos federalistas. Vitória que leva a hegemonia no decorrer da Primeira República nos âmbitos municipal, estadual e federal do Partido Republicano Catarinense – PRC (SACHET e SACHET, 1997, p.198-228; DALLABRIDA, 2001, p.52-62). Decorre que o PRC se organiza em dois grupos oligárquicos que vão ao longo da Primeira República disputar a dirigência política no estado. Um lado “laurista” com base nos latifundiários do Planalto Serrano e um lado “hercrista” ligado aos comerciantes e primeiros industriais do Vale do Itajaí e do Nordeste de Santa Catarina.

Ainda assim deve ser compreendido que o PRC realiza um pacto com vistas superar a instabilidade e fragmentação política e administrativa do período imperial, o que significaria, portanto, manter-se no poder político do estado, uma espécie de “*pax republicana*” (DALLABRIDA, 2001, p.54). Acordos internos do PRC consolidam o que Sachet e Sachet (1997, p.215) vão denominar de aprofundamento da “chaga crônica da política catarinense: o poder para o partido único”. Dito assim nos pareceria associar tal chaga a uma noção de poder como uma substância ou algo que se conquista. O que levaria a dedução da repressão através daqueles que detêm o poder face àqueles que não o possuem. Depois de Elias e Foucault aprendemos que pensar poder como essa

⁵ Os trabalhos de João Pick (1979), Norberto Dallabrida (2001) e Rogério Souza (2005) são referências da maior relevância para a investigação acerca da instituição que já completou um século de existência e ainda assim permite que muita história seja contada.

substância concreta e repressora levaria a círculos viciosos em termos das condições históricas onde cultura, indivíduo e sociedade mutuamente se estabelecem. Para além da repressão há criação de um cotidiano que se inventa, no imaginário e na materialidade dos acontecimentos.

Indagamos ainda como se compreenderia todo um desenvolvimento da civilização “dos belos tempos” a partir daquilo que entende Sevcenko (1998, p.7-48) sobre a “segunda revolução industrial”, datada da passagem final do século XIX e primeiras décadas do século XX, que regenera cidade e cidadão de modo “tão completo e tão rápido” num “processo dramático” que transformou hábitos, convicções e modos de percepção numa época conhecida como “*Belle Époque*”. Parece-nos ser necessário um tipo de analítica de poder no sentido de compreender relações vinculadas às estratégias de saber-poder que inculcariam práticas e representações, e, portanto, participam do processo de subjetivação das pessoas nas cidades dessa revolução no tal *belo tempo*.

Dito assim um período de *Belle Époque* florianopolitana seria nada menos do que um conjunto de fenômenos de biopoder onde um novo padrão científico-tecnológico incide nos acontecimentos da cidade. Nas palavras de Sevcenko (1998, p.9), há “um impacto decisivo sobre o controle das moléstias, a natalidade e o prolongamento da vida”. Dentre estes acontecimentos que os localiza em Florianópolis destaca-se o deslocamento da oferta do ensino ginásial público e gratuito para o privado e estadual jesuítico, a formação de um “novo clero católico europeizado”, (DALLABRIDA, 2001, p.25) como algumas das ações dos dirigentes do PRC em exercício com vistas a contribuir com um tipo de institucionalização da vida. Em especial, no âmbito deste artigo, há uma série de ditos em circularidade em periódico da imprensa que evidencia configuração que transforma grupos privilegiados e atua na produção da vida em sociedade.

Conforme outras linhas que o Diário do Padre Prefeito de 1906 apresenta, “diversos pais tinham pedido que seus filhos fossem preparados ao exame do ingresso” (DIÁRIO, 1906). Mesmo que não fosse uma multidão à espera de vaga no colégio, o fato é que há movimentos importantes no desenvolvimento civilizatório da cidade. O Jornal *O Dia* inicia suas atividades em 01 de janeiro de 1901 e as encerra em setembro de 1918, na ocasião da troca de comando da dirigência política do estado. Saía do governo do estado de Santa Catarina a ala “laurista” e assumiria a ala “hercrista” do PRC. Tensão que a “*pax republicana*” não apagava. Assim o PRC, dividido em duas

alás, o grupo “laurista” com suas principais lideranças Lauro Muller, Felipe Schmidt e Vidal Ramos, dominou o executivo catarinense entre 1898 e 1918, período de circulação do oficioso *O Dia*. De outro lado, a ala “herciliista” comandada por Hercílio Luz, José Boiteaux e pelos irmãos Victor e Adolfo Konder, restabeleceu-se no governo em 1918 permanecendo até a Revolução de 1930, período em que o jornal “República” volta a ser oficioso em 1918 quando assume o governo do estado Hercílio Luz⁶ (DALLABRIDA, 2001, p.79; MEIRINHO, 2009, p.262).

Nesse sentido o Jornal *O Dia* no recorte deste trabalho pode ser lido como *oficioso* visto que além das publicações das esferas legislativa e executiva, também veiculava notícias e crônicas de interesse do Partido Republicano Catarinense, o próprio título do impresso já denotava tal assertiva, “Órgão do Partido Republicano Catarinense”. No ano de 1915 em data estrategicamente calculada este jornal anunciava “com o intuito de satisfazer as legítimas exigências do público e para tornar a nossa folha digna do Partido de que é órgão na imprensa” sua “feição moderna e atraente” (O DIA, 15 de novembro, 1915, p.1). De fato este oficioso desde então apresentaria seções como “arte culinária”, “O Dia *Sportivo*” além das notícias da região, país e mundo apresentadas à população.

Para estabelecer o jogo da configuração necessitaria apontar prévias condições dos laços de interdependência entre seus jogadores. O *Dia* anunciava no ano anterior ao início das aulas do Ginásio, 1905, o “contrato celebrado entre o Governo do Estado de Santa Catarina e a Sociedade Anônima ‘Padre Antônio Vieira’, para a fundação, na capital, de um Colégio de ensino secundário” (O DIA, 22 de novembro de 1905, p.1). Mas havia muito mais neste pacto celebrado entre elite dirigente do Partido Republicano e equipe dirigente do educandário jesuítico. Da parte da equipe jesuítica, elogios ao local da instalação do novo colégio, com destaque as “ótimas condições de salubridade do local” e para a “cooperação eficaz” dos executivos estadual e municipal (O DIA, 6 de janeiro de 1906, p.1). E pelo jornal *O Dia*, porta-voz da dirigência política no Estado de Santa Catarina, palavras de que “o educandário representava a realidade de um projeto almejado há muito tempo pelo governo estadual” (O DIA, 6 de janeiro de 1906, p.1). Assim se erguia o Ginásio Santa Catarina.

⁶ O jornal República foi criado logo após a proclamação da República quando Hercilio Luz esteve a frente do governo (1894-1898), mas, é interrompido como diário do governo enquanto a ala “laurista” se manteve na dirigência desse Estado.



FIGURA 1: Fotografia área do Ginásio (década de 1920)
FONTE: ACERVO FOTOGRÁFICO DO COLÉGIO CATARINENSE

A interdependência na relação entre equipes do PRC e do ginásio jesuíta adere ao projeto republicano cuja ampla circularidade de notícias pelo impresso do governo intenta promover o referido educandário de ensino (DALABRIDA, 2001, p.38-52; SOUZA, 2005, 39-49). A configuração prévia de aliados continua numa série de acontecimentos. Em carta de 22 de maio de 1905, do padre Francisco Topp, consta indícios dessa relação entre *PRC-padres jesuítas alemães* quando este pergunta ao superior alemão sobre a possibilidade de ser aberto um colégio na capital de Santa Catarina. Escrita em alemão, relata que o local era “próximo do centro, com vastos campos para jogos, espaço para plantações e edifícios, localização sadia e arejada” afastado dos barulhos “perturbadores das artérias principais” (SOUZA, 2005, p. 44-45). Inaugurava-se com o Ginásio um momento que iria contribuir em deslocar através do “projeto almejado” tipo de ensino secundário com suas práticas corporais que deslocaria representações de uma Desterro imperial para uma republicana Florianópolis⁷.

⁷ A 1º de outubro de 1894, após o massacre da Revolução Federalista ocorrido na Ilha de Santa Catarina e em processo da “pax republicana”, muda-se o nome da cidade, de Desterro, para Florianópolis, espécie de reforma simbólica que homenageia o então presidente Floriano Peixoto e visa consolidar uma identidade republicana (SACHET e SACHET, 1997, p.198-228; DALLABRIDA, 2001, p. 55).

O terreno da figura 1 antes das construções do colégio, era de propriedade da família do Cel. Vidal Ramos, cujo filho Nereu, obtivera em 1904 o bacharelado no Ginásio Conceição, instituição da mesma Sociedade Padre Vieira, mas em São Leopoldo, no Rio Grande do Sul (DALLABRIDA, 2001, p.50-51). O espaço da então Chácara Pamplona com mais de cinco hectares foi comprado pela Companhia de Jesus por 27 contos de réis dois dias depois após a assinatura do contrato com o Governo do Estado em 1905 (PICK, 1979, p. 26; DALLABRIDA, 2001, p. 48). Estratégias com vistas a institucionalizar uma educação secundária que se manteria como única até meados da década de 1930⁸.

No diário de 1906 consta primeira menção do jornal *O Dia*. Era 26 de setembro, uma quarta-feira, e na passeata cívica com música militar e lampiões sobre a inauguração de um porto ao sul da cidade, percorria-se no trajeto pelo palácio do governo e em seguida a redação do jornal *O Dia*. Retornavam, enfim, ao colégio às 20:30h (DIÁRIO, 1906). No diário de 1907 consta que após a missa de 21 de junho, dia do padroeiro dos jovens, santo São Luiz Gonzaga ou como consta naquelas páginas “Aloísio”, ocorre apresentação científico-musical, onde “tudo deu muito certo” (DIÁRIO, 1906). No diário há colagem da matéria publicada no jornal *O Dia* dois dias depois da dita festa católica do patrono da juventude. No relato do periódico consta na sua primeira página “Ginásio Santa Catarina. Festa de ante-ontem” com destaques para a “mocidade estudiosa” numa festa que “como prevíamos” foi “muito concorrida e brilhante, pelo correto desempenho que os alunos deram aos 20 números do bem organizado programa”. (O DIA, 1906, 23 de junho, p.1). Entre músicas, declamações e encenações marcaram presença na festa além dos alunos internos, alunos externos, diretores e professores do educandário, personalidades da esfera pública nas figuras do “ajudante de ordens” que representou o governador e do secretário geral do Estado. Ainda neste ano o Diário do Padre Prefeito aponta a 15 de maio a retribuição da visita que o então governador Gustavo Richard fez ao padre diretor, “motivo para o cancelamento da última aula” (DIÁRIO, 1907).

Nos últimos dias do ano de 1915 o jornal *O Dia* recebe o relatório do Ginásio “relativo ao ano escolar que andou”, contendo “bem escrita crônica das principais ocorrências da vida ginásial fora das aulas” e presta agradecimentos “à diretoria do

⁸ Em 1935 as irmãs da Divina Providência que administravam o colégio Coração de Jesus abrem o curso ginásial, e apenas no final da década de 1940 a cidade voltaria a ter um *locus* de educação pública e estadual com o colégio Estadual Dias Velho inaugurado em 1949 (MARTINI, 2011, p.14-16).

Ginásio” “pela oferta do apreciado livro” com reiterados votos de prosperidade (O DIA, 22 de dezembro de 1915, p.1). Até aqui apresentamos exemplos de algumas das estratégias rumo a institucionalização do educandário jesuítico e da dirigência do PRC. Se para nascer leva-se tempo, estratégias referentes ao cidadão e sua cidade republicana ganhariam força na produção dos ditos e práticas. Espécie de aceleração demarcada na série de imagens, discursos, valores e práticas que já percorriam as principais cidades brasileiras, Rio de Janeiro e São Paulo, a exemplo do que mostra a historiografia das primeiras décadas republicana descrita em Sevcenko (1998). Conforme demonstra Araújo (1989, p.9) as reformas urbano sociais de Florianópolis entram no ritmo civilizado de outros países e capitais brasileiras visando superar a “sociedade fossilizada do império”. Maquinaria de poder para fazer a cidade entrar na crista da onda de se modernizar.

No momento de biopoder há uma razão governamental com vistas a “melhorar a sorte das populações, aumentar suas riquezas, sua duração de vida, sua saúde” (FOUCAULT, 2008, p. 138-9). Há, portanto, toda uma arte de governar a cidade por meio de tecnologias de poder que se desenvolvem no decorrer do jogo estabelecido pela configuração entre o Jornal e o Colégio. Equilíbrio de poder num jogo entre as partes operadas por sucessivas escolhas. Matérias e crônicas selecionadas em destaque nos altos da primeira página do oficioso jornal operam nos termos de Elias (2008, p.190) na transformação de grupos privilegiados “revestindo-se este tipo de elite de grandes oportunidades de poder”. Institucionalização das elites que se utilizam dos saberes (biopolíticos) e tornar-se-iam dispositivo de poder na Cidade. Atuariam pedagogicamente na escolarização dos corpos quando uma avalanche de notícias e crônicas sobre o futebol invade as páginas do periódico da Cidade.

2. Arte de governar corpos: esportivização

Dentre as práticas que envolvem tipo de educação do corpo no educandário jesuíta, o *foot-ball* é objeto privilegiado para compreender questões que envolvem a modernização⁹ do corpo na cidade. Este jogo era praticado no colégio desde sua

⁹ Por modernização coadunamos ao entendimento expresso em Bartholo, Vaz e Soares (2012, p.406), isto é, modernização como a “incorporação de tecnologias e saberes culturais”.

abertura, como mostra o diário do padre prefeito. A prática foi referida a partir do segundo relatório, na seção “Prêmios no procedimento do ano escolar”, que além de contemplar disciplinas do currículo (matemática, história), também incluía música, ginástica, barra, e jogos de taco, bandeira e futebol (GINÁSIO...1907, p.36-38). Tintas escritas em alemão no Diário do Padre Prefeito versam sobre a primeira bola recebida por aluno interno a 28 de março, “com a qual os grandes se ocuparam” e os “pequenos fizeram diversos jogos, lá atrás, no campo grande” (DIÁRIO, 1906). Contudo, estes relatos e o cruzamento com outras fontes nos permitem inferir que o tal jogo ocorreria mais como uma atividade recreativa¹⁰. Tudo começa a mudar a partir do ano de 1910. Naquele ano “o jogo de futebol teve” “animação extraordinária” devido à realização da “primeira partida desse jogo esportivo” na cidade (GINÁSIO...1910, p. 8). Após a “gentileza” com a qual moço do Rio de Janeiro se dispôs a ensaiar por “diferentes vezes”, os ginásianos, eis que o “*match*” efetuou-se “repleto de espectadores”, “depois de renhido combate, coube a vitória aos alunos do Ginásio, que venceram com 2 *goals* contra 1” (GINÁSIO...1910, *idem*). O jogo foi realizado fora dos espaços do Ginásio. O que mudaria, pois conforme indicam as figura 2 e 3 o campo próprio para treino e jogos de *foot-ball* do Ginásio iniciaria sua construção em 1913 e a terminaria em 1915 (GINÁSIO...1913, p.20; GINÁSIO...1915, p.14).



FIGURA 2: Construção do Campo de *Foot-ball* do Ginásio (1913-1915)
FONTE: ACERVO FOTOGRÁFICO DO COLÉGIO CATARINENSE

¹⁰ Atividades recreativas e de lazer são sustentadas a partir das características que Elias (1992, 178-185) apresenta e discute: sociabilidade, mobilidade e mimese.



FIGURA 3: Time do Internato em Treino (1920)
FONTE: ACERVO FOTOGRÁFICO DO COLÉGIO CATARINENSE

Os relatos da “primeira partida” e o movimento da construção do campo próprio para o jogo nos ajudam a sustentar um processo de “esportivização” tal qual Elias (1992) entende como análogo ao da industrialização. Significa compreender a dinâmica da produção dos esportes na sociedade. A uniformidade das regras e a possibilidade de realizá-los não circunscritos a poucos locais denota uma produção em série. Aumentada quantidade de diversão que abarca tanto praticantes quanto espectadores. Interessante notar na figura 2 alguma assistência no entorno do campo que acompanha o treino do time do internato. Nesse sentido a espetacularização que trata Elias (1992) se refere ao arranjo das forças econômicas e midiáticas que promovem e fortalecem o jogo esportivo e formam público de espectadores. Espécie de prolongamento do clímax tanto antecipando quanto estendendo através das notícias e crônicas veiculadas e serviria a tipo de excitação tantos dos jogadores quanto dos espectadores. Em acordo com Elias (1992) e Dunning (2008) sustentamos que a esportivização concorre ao cidadão e a cidade hodierna a partir das funções das atividades de esporte moderno em promoverem “excitação prazerosa” e de serem “socialmente construtiva” o que leva a oportunidades de sociabilidade, auto-controle e identidade (ELIAS, 1992; DUNNING, 2008). Como se vinculam prazer, sociabilidade, auto-controle e identidade a partir das atividades de esporte? Embora tal questão seja deveras complexa, abordaremos sumariamente tais funções do fenômeno esportivo moderno como uma arte de governar corpos num tipo de sociedade em desenvolvimento civilizatório.

Segundo Sevcenko (1998, p.568-581), a “civilização esportiva” da *Belle Époque* promove tipo de ética do ativismo do corpo físico através da limpeza, da saúde e da beleza como realização plena do destino humano. Ao serem construídos campos e locais para prática de esportes na Ilha de Santa Catarina, ampliava-se a visibilidade do jogo, dos corpos e da cidade. O *foot-ball*, um “jogo, que, quando moderado, representa um útil e salutar e também agradável divertimento” (GINÁSIO...1910, p.8) apresenta um tipo de pedagogia que envolve governo dos corpos. Arte de governar no sentido que Foucault (2008, p.119) apresenta sobre o problema imanente das sociedades, de “como ser governado, por quem, até que ponto, com que fim, por que métodos”. Como um jogo de futebol governa uma população? Quer dizer, como se torna útil e salutar divertimento? A ética do ativismo do corpo físico que trata Sevcenko no belo tempo trata-se do início da difusão das teorias higiênicas do início do século XIX. Para compreender o útil e salutar jogo como divertimento utilizamos algumas das considerações de Elias (1992) sobre atividades de esporte com características de passatempo.

Elias (1992) entende que através do efeito catártico, atividades de lazer e esporte mimetizam sentimentos como ódio e amor, e podem levar ao prazer. Nestas ocasiões há certa frouxidão na regulação da extravasão dos sentimentos. Diferentemente dos momentos de trabalho com excessiva administração das emoções. Catarse que se aplica a quem joga e assiste pois o torcedor “não é um espectador passivo, ele incorpora os lances da disputa na sua própria estrutura física e vai reproduzindo em seu corpo, na vibração de seus sentidos”, músculos e nervos “como se ele mesmo estivesse na arena” (SEVCENKO, 1998, p.579). Em decorrência do tipo de sociedade altamente regulada a civilização esportiva busca excitação através do desenvolvimento de variadas atividades com características de lazer e esporte (ELIAS, 1992). Nesse sentido Sevcenko (1998, p.581) chama atenção para as febres esportivas no Rio de Janeiro do remo e do futebol, respectivamente, primeira e segundo, sendo que esta “se tornou ainda mais intensa do que as regatas”.

Elias (1992, 1994) observa a contradição que lazer e esporte carregam: excitam e regulam sua população. Ao passo que há possibilidade catártica também há forte controle das regras do jogo que se esportiviza. Desenvolvem-se mudanças nas sensibilidades da personalidade social o que leva ao aumento da repugnância aos níveis de violência e disseminação dos valores aristocráticos evidenciados numa sociedade em processo civilizatório. Um agradável descontrolado das emoções através de

uma excitação prazerosa e socialmente construtiva. Nasceriam os jogos do ser civilizado que vai aprendendo a conter seus impulsos. Portanto, trata-se de tipo de governo dos corpos e da modernização da cidade e de seu cidadão. Novas tecnologias de poder e saberes biopolíticos (higiênicos) vão sendo incorporados a massa da população. Contudo, na Florianópolis do início da década de 1910 jogos de esporte ainda precisavam de maior investimento. A exemplo da análise de Pereira (2000, p.24) sobre o *foot-ball* no Rio de Janeiro, aqui, em Florianópolis sua consolidação também foi “resultado de um longo processo”. Após aquela primeira partida, o futebol nos relatórios do Ginásio de 1911 e 1912 continua figurando apenas na seção “prêmios e pontos obtidos pelos alunos no progresso do decurso do ano escolar”. Como considera Machado (2000, p.25) a evolução do futebol “chegou a ser um pouco mais lenta que a esperada”. Nesse sentido empreita-se uma pedagogia dos corpos pelo oficioso *O Dia*.

O ano de 1916 é especial nesse tipo de configuração entre jornal e colégio da cidade com vistas ao processo de esportivização e logo, ao governo dos corpos. O Ginásio completava um decênio de atividades e não poucas foram as notas e crônicas relativas ao educandário jesuíta nas páginas, geralmente em destaque, no *O Dia*. No final do ano anterior a seção “*O Dia Sportivo*” iniciava o concurso “qual é o melhor *foot-baller* desta capital?” (O DIA, 22 de dezembro de 1915, p.4). Interessante notar que as explicações e incitação à população sobre tal concurso seguia-se do relato de “match” de *foot-ball* entre os “teams” “Germania e Aliado”, um jogo “bastante disputado” “perante uma fraca concorrência” (O DIA, idem). Parece que o concurso poderia contribuir em divulgar o esporte. Programado para durar até meados de janeiro se estendeu até o último dia daquele mês, e na divulgação dos resultados três “*foot-baller*” eram alunos do Ginásio (O DIA, 1 de fevereiro de 1906, p.1). Com destaque para os alunos externos “formados na turma de 1916”, Floriano Pereira da Silva e Celso Ramos, respectivamente, o campeão do concurso e o quarto mais votado (COLÉGIO CATARINENSE, 2005). Mais investimentos na configuração *Ginásio-O Dia* promovem o jogo à população.

Com frases de efeito “sem alarde nos mantemos” e “cumprimos simplesmente o nosso dever”. O oficioso jornal reabre, a 26 de abril, a seção “*O Dia Sportivo*”. Numa espécie de editorial sobre o esporte na capital relato de que ainda muito devia ser feito para desenvolver o jogo na cidade. Uma temporada *sportiva* encerrada por “falta de assunto” no ano anterior. Esperava-se naquele corrente ano “que ela seja melhor”, o que “dependerá da animação do nosso meio *sportivo*”. E assim informava a possível

abertura da temporada *sportiva*, entre os *teams* do Florianópolis e do Ginásio, caso estes aceitem o convite daqueles ao jogo (O DIA, 26 de abril de 1916, p.4). No mesmo dia e ao lado da seção “O Dia *Sportivo*” consta a matéria “Educação física esportiva”, trata-se da reprodução de uma matéria veiculada no “Jornal do Brazil” e reflete sobre a questão esportiva à nova geração.

A questão da educação física parece a muitos, e, principalmente à maioria dos nossos intelectuais, um caso secundário que não está nas condições de merecer a atenção dos espíritos que pairam sobranceiramente nas altas regiões do pensamento. No entanto, nada mais falso. A educação física é a fonte inesgotável de uma beleza nova, cujas másculas vibrações, nós brasileiros, imbuídos de antiguidade, ainda não quisemos sentir.[...] Asseveramos que da educação física do nosso povo dependem o futuro e a grandeza de nosso país. O reino do romantismo passou. Estamos na época das grandes atividades, que reclamam do homem moderno, a maior soma de resistência física, de coragem e de energia. [...] Ainda não se fez oficialmente pela educação física nacional, a não ser, por um desencargo de consciência, incluir no regime das raras escolas públicas um programa falho e rudimentar de ginástica que nunca se pratica. E como poderia ser ele praticado quando as nossas escolas públicas do sexo masculino são regidas por senhoras de hábitos sedentários que professam uma religiosa aversão a todos os preceitos higiênicos de uma educação física? Será nessas escolas que nossos filhos aprenderão a ser homens? [...] Quem quiser [...] observe a hora da saída, os nossos colegas e verificará então, com profunda mágoa, a pobreza física dos nossos homens de amanhã. [...] É preciso que o governo [...] unido a imprensa e a todos os brasileiros, colaborar na tarefa regeneradora. [...] A educação física e esportiva levará ao espírito da nossa mocidade as noções claras, positivas de uma nova auroral concepção de vida e da beleza em ação, inculcando-lhe as virtudes severas que deve possuir todo o homem integralmente forte: - a coragem física e moral, a disciplina, o sangue frio, a abnegação, o heroísmo e a solidariedade (O DIA, 26 de abril de 1916, p.4).

Como já referido o Ginásio Santa Catarina era instituição privada que oferecia o ensino secundário na cidade e no estado de Santa Catarina. Algumas questões da matéria supracitada parecem contribuir na visibilidade do colégio da Cidade, que não era público e tampouco comandado por “senhoras de hábitos sedentários”. A questão de fundo deste artigo veiculado pela cidade na década de 1910 se refere ao tipo de problema biopolítico sobre a regeneração da sociedade. Conforme destaca Pereira (2000, p. 42) o “valor e a necessidade da educação física” dissemina “a higienização do corpo do indivíduo” através do desenvolvimento da “força muscular” tido como “importante elemento de uma nação”. Cumpriria o dever “O Dia *Sportivo*” na tarefa “regeneradora” que “reclama o homem moderno” de resistência física, coragem e energia, ainda insipientes no Brasil do início do século XX, ao movimentar as partidas entre *teams* da capital, em destaque ao do Ginásio. Apresentava, portanto,

diferentemente da “profunda mágoa” dos exemplos da matéria, a “nova auroral concepção de vida e da beleza em ação”. Em curso uma ação pedagógica do corpo.

Dois dias depois aparecia na seção “O Dia *Sportivo*” a organização no Ginásio Santa Catarina de “um campeonato interno” entre os *teams* do internato e do externato. Assim “este campeonato, o primeiro que é instituído neste útil estabelecimento de ensino, promete ser interessante, visto a rivalidade *sportiva* existente entre as duas divisões” (O DIA, 28 de abril de 1916, p.2). O jogo Internos Vs. Externos carregado daquilo que há de melhor no “homem moderno”: coragem física e moral, disciplina, sangue frio, abnegação, heroísmo e solidariedade. Corpo escolarizado a partir dos valores aristocráticos que discute Sevcenko (1998, p.575-576) do cavalheirismo, da imparcialidade e da lealdade sintetizados na expressão “*sportmanship*” e que são apropriados pela burguesia nos termos da “competitividade” e do “imperativo da vitória”. Parece que o governo dos corpos através dos jogos de esporte estava, enfim, em evolução civilizatória. O *foot-ball* pode ter sido eleito em Florianópolis para regenerar sua mocidade. Portanto o útil e salutar divertimento que trata a crônica da primeira partida de 1910 se refere a estratégias higienistas de fazer circular tipo de identidade. Uma população com “corpos mais fortes e robustos” articulados a um “maior desenvolvimento moral” do “espírito da disciplina, decisão, iniciativa, solidariedade e abnegação” (PEREIRA, 2000, p.52). Interesses republicanos na configuração entre aliados denotam a utilidade da mocidade deste desenvolvimento higiênico.

Se no início do ano de 1916 o editorial criticava a assistência junto aos jogos, indícios apontam uma mudança em desenvolvimento, “perante regular concorrência encontraram-se domingo as equipes do Florianópolis e do Ginásio” (O DIA, 16 de maio de 1916). O processo de esportivização em marcha na sociedade em processo civilizatório encontrava seu eco. Nos altos da primeira página, a 11 de maio de 1916, ocorria a entrega da medalha ao vencedor do “curso *sportivo*”, o ginasiano e “simpático *foot-baller* Floriano Silva”. Como declarava o jornal “folgamos assim em contribuir, embora modestamente, para o progresso do nosso meio *sportivo*” (O DIA, 11 de maio de 1916, p.1). Estratégias de saber-poder que institucionalizam regimes de verdade. Talvez tenham os editores esportivos de *O Dia* aprendidos com os padres jesuítas a docilização de uma arte de governar. Cabe lembrar tanto das ações que premiavam os melhores nas festas escolares quanto do recebimento dos relatórios do colégio pelo jornal. Na seção final destes relatórios anúncio dos premiados alunos do

ano escolar além das crônicas destas ações disciplinares da festa escolar. Estes recortes dos relatórios atuaria, nos termos de Foucault (2010), como um “poder disciplinar”. Inscreve-se como dispositivo de poder numa sociedade de biopoder ao visar a produção do ideário de homem integralmente forte, física e moralmente, pelo esporte. Disciplinarização de corpos incitados, emulados na perspectiva higienista que produz corpos másculos e civilizados. Conforme destaca o jornal a respeito da realização do “concurso *sportivo*” e a entrega da medalha ao melhor “*foot-baller*” “premiando o mérito em um, fazemo-lo nascer em outros.” (O DIA, 11 de maio de 1916, p.1).

Relações de sociabilidade revelam uma oportunidade de poder. No dia 13 de julho do mesmo ano, em destaque a “visita agradável” da divisão dos alunos maiores do Ginásio sob a direção do padre diretor, uma “guapa rapaziada que está sendo cuidadosamente educada pelos reverendos, padres Jesuítas para serem úteis à Família e à Pátria” (O DIA, 13 de julho de 1916, p.1). Na véspera da colação de grau os quintanistas “acompanhados do regente do curso o ilustrado Padre Carlos Doppler” foram ao “palácio cumprimentar o exmo. Governador dr. Felipe Schimdt” (O DIA, 9 de dezembro, de 1916, p.1). No dia seguinte três páginas ocuparam praticamente todo *O Dia*. Espécie de edição comemorativa do “10º ano letivo” do Ginásio Santa Catarina, contendo matérias sobre “a colação de grau aos novos quintanistas”, “discursos”, “distribuição de prêmios” e “resultados de exames” desta instituição que “nasceu forte” e “cresceu sob os auspícios dos poderes públicos do Estado, iluminados pelos nobres princípios da nossa Carta Constitucional, e aí está como um *laus perenne* afirmando a grandeza da obra, a que o exmo. Sr.dr. Felipe Schmidt não tem regateado auxílio e prestígio” (O DIA, 10 de dezembro de 1916, p.1-3). Visibilidade nas zonas fronteiriças das práticas e das representações, das alianças e dos jogos de equilíbrio do poder de grupos que se privilegiam. Técnicas que investem nascimento e desenvolvimento do corpo, restrito ao masculino, no caldo representacional de uma ambígua república de símbolos femininos. Regimes instaurados de verdade entre uma formação de elite e de corpos que se inventam entre artes de governar, civilizar e modernizar utilizando os usos do prazer de um jogo.

Como conclusão...

Os resultados apontam uma espécie de institucionalização da vida na cidade por meio dos dispositivos e estratégias de poder, no caso do jornal *O Dia* e do *Ginásio Santa Catarina*. Ambas as instituições em configuração atuam através de discursos e práticas na escolarização do corpo. Transformam-se em grupos privilegiados revestindo tipo de elite e se institucionalizam na cidade. Promovem o desenvolvimento do jogo de futebol que ocupa destaque no governo dos corpos da população. Pedagogicamente as instituições espetacularizam o jogo e conduzem tipo de reforma na produção da vida na Ilha de Santa Catarina. Concorrem através da competição física e do *sportmanship* ao processo civilizador no ideário republicano para o projeto de corpos fortes (limpos, saudáveis e belos) e não violentos (docilizados). Pedagogia dos corpos refletida na zona fronteira entre um corpo educado na escola e nas ruas da cidade de um território que se inventa perante a materialidade discursiva dos acontecimentos.

Referências

ARAÚJO, Hermetes Reis de. **A invenção do litoral – reformas urbanas e reajustamento social em Florianópolis na Primeira República**. São Paulo: PUC-SP, 1989. Dissertação (Mestrado em História).

BARTHOLLO, Tiago Lisboa; VAZ, Alexandre; SOARES, Antônio Jorge Gonçalves. Alteridade privilegiada: confrontos futebolísticos entre brasileiros e argentinos na imprensa carioca (1939-1945). **Análise Social**. Lisboa, v.203, abr/jun 2012, p.402-422.

BURKE, Peter. **O que é histórica cultural**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

COLÉGIO CATARINENSE. **Livro dos Formandos**. Cem anos do Colégio Catarinense. Florianópolis: Colégio Catarinense, 2005.

DALLABRIDA, Norberto. **A fabricação escolar das elites**. O Ginásio Catarinense na Primeira República. Florianópolis: Cidade Futura, 2001.

DIÁRIO DO PADRE PREFEITO GERAL DO GINÁSIO SANTA CATARINA. Tradução de Vera Molenda. Florianópolis, [1906].

DIÁRIO DO PADRE PREFEITO GERAL DO GINÁSIO SANTA CATARINA. Tradução de Vera Molenda. Florianópolis, [1907].

DUNNIG, Eric. Esporte, violência e civilização: uma entrevista com Eric Dunning. **Revista Horizontes Antropológicos**. Trad. Édison Gastaldo. Porto Alegre, ano 14, n.30, jul./dez. 2008, p.223-231.

ELIAS, Norbert. **A busca da excitação**. Tradução de Maria Manuela e Silva. Lisboa, Portugal: 1992.

_____. **Introdução à sociologia**. 3ª edição. trad. Maria Manuela e Silva. Lisboa, Portugal: edições 70, 2008.

_____. **O processo civilizador**. V.1. Uma história dos costumes. Trad. Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

_____. **O processo civilizador**. V.2. Formação do Estado e Civilização. Trad. Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

FARHI NETO, L. **Biopolítica em Foucault**. 2007. 144p. Dissertação de Mestrado. (Programa de Pós Graduação em Filosofia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Trad Roberto Machado. 6ª Ed. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

_____. Aula de 17 de março de 1976. In _____. **Em defesa da sociedade**. Trad. Maria Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p.285-315.

_____. **História da Sexualidade I: A vontade de saber**. 13ª edição. Trad. Maria Albuquerque e J. Guilhon Albuquerque. Galvão. Rio de Janeiro: Graal, 1999b.

_____. **Segurança, Território, População**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. **Vigiar e Punir**. 38ª Ed. trad. Raquel Ramallete. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2010

GINÁSIO SANTA CATARINA. **Relatórios**. Florianópolis: Gabinete Tipográfico Natividade, 1906; 1907; 1910; 1911; 1912; 1913; 1915.

JORNAL O COMÉRCIO DE LAGUNA. Laguna: [s.n.], 18 de outubro de 1903.

JORNAL O DIA – órgão do partido republicano catarinense. Florianópolis: [s.n.], edições de 22 de novembro de 1905; 6 de janeiro de 1906; 23 de junho de 1906; 15 de novembro de 1915; 22 de dezembro de 1915; 26 de abril de 1916; 28 de abril de 1916; 11 de maio de 1916; 16 de maio de 1916; 13 de julho de 1916; 9 de dezembro de 1916; 10 de dezembro de 1916..

HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2001.

MACHADO, César do Canto. **História do Futebol Catarinense**. Florianópolis: Ed. Insular, 2000.

MARTINI, Estela Maris Sartori. **Mulheres Destinadas ao Êxito**: Trajetórias Escolares e Profissionais de Ex-Alunas do Curso Científico do Colégio Coração de Jesus de Florianópolis (1949-1960). Florianópolis: UDESC, 2011. Dissertação de Mestrado (Educação).

NECKEL, Roselane. **A república em Santa Catarina**. Modernidade e exclusão (1889-1920). Florianópolis: Ed. da UFSC, 2003.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania**. Uma história social no Rio de Janeiro, 1902-1938. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

SACHET, Celestino e SACHET, Sérgio. **Santa Catarina, 100 anos de história**, v.1. Florianópolis: Século Catarinense, 1997.

SEVCENKO, Nicolau (Org). **História da vida privada no Brasil**. Vol.3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SOARES, Carmen Lúcia. Pedagogias do corpo: higiene, ginástica, esporte. VEIGA-NETO, Alfredo; RAGO, Margareth (org). **Figuras de Foucault**. Belo Horizonte: Contexto, 2006, p.75-85.

SOUZA, Rogério Luiz de. **Uma história inacabada** – cem anos do Colégio Catarinense. São Leopoldo, Ed. Unisinos, 2005.

VÁRZEA, Virgílio. **Santa Catarina. A Ilha**. 2ª Ed. Florianópolis: Ed. Lunardelli, 1984.

VEIGA-NETO, Alfredo; RAGO, Margareth (org). **Figuras de Foucault**. Belo Horizonte: Contexto, 2006.